

Não há fôlego no inferno: Patemização midiática na cobertura jornalística da crise de oxigênio em Manaus durante a pandemia de Covid-19¹

Alessandra Lobato SILVA²

Ana Clara Marques LACERDA³

Giovana Andrade de ALMEIDA⁴

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

A falta de oxigênio na capital do estado do Amazonas, ocorrida durante a pandemia de Covid-19, foi amplamente divulgada pela mídia brasileira. Buscando analisar a participação dos veículos na divulgação dessa catástrofe, analisamos três jornais (O Globo, Folha.com e A Crítica), em um total de 19 matérias, publicadas na data 14 à 31 de janeiro de 2021. Essa pesquisa teve como base os estudos desenvolvidos por Amaral sobre a patemização midiática, que foi possível inferir nessa análise do *corpus* apresentado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; patemização; pandemia; Covid-19; Amazonas.

INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, os termos “Covid-19” e “coronavírus”, referentes respectivamente a uma infecção respiratória aguda e ao vírus causador da mesma, passaram a fazer parte do vocabulário da população mundial. No Brasil, o primeiro caso de contaminação pelo coronavírus foi confirmado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020, poucos dias antes da Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar o *status* de pandemia, indicando a disseminação da doença por diferentes continentes.

A partir de então, a situação se agravou rapidamente, com o número de mortes no país atingindo a marca de 10 mil pessoas em maio, e de 1 milhão de infectados em junho. À época, o país chegava a registrar mais de mil óbitos pela doença em menos de 24 horas. O restante de 2020 transcorreu de maneira semelhante, com os números aumentando a cada dia, ignorados pelo negacionismo do então presidente. Menos de um ano depois, em

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Política e Cidadania, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Recém-graduada do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, e-mail: alessandra.lobato1997@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 10º semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, e-mail: ana_lacerda@discente.ufg.br

⁴ Graduada do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, e-mail: andrade.a.giovana@gmail.com

janeiro de 2021, o Brasil ultrapassou 200 mil mortos pela doença, enquanto registrava uma média de 741 mortes por dia.

Foi nessa conjuntura que teve início no Amazonas a crise acarretada pela falta de oxigênio para pacientes em hospitais, que levou à morte de mais de 60 pessoas em todo o estado, além de mais de 500 pacientes transferidos para outros estados, e decreto de toque de recolher. Em um contexto no qual, desde o início da pandemia, os jornais eram dominados por notícias a respeito do assunto, as manchetes sobre a crise no estado do Amazonas somaram-se às atualizações diárias e análises constantes sobre o número de contaminados e de óbitos no país, a situação dos hospitais, o panorama global e a perspectiva de uma vacina.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a forma como foi realizada a cobertura jornalística do colapso do sistema de saúde de Manaus durante a pandemia de Covid-19. Tendo em vista o grande volume de notícias, a pesquisa foi delimitada pela seleção de três veículos de comunicação, e as publicações foram filtradas por data, de 14 a 31 de janeiro de 2021, período em que a crise do oxigênio no Amazonas esteve em destaque na mídia.

A análise da catástrofe midiaticizada foi norteadada pela classificação de Amaral (2013) quanto aos tipos de fontes, com atenção especialmente aos depoimentos de fontes testemunhais. Além disso, foi analisado o uso de determinadas palavras e expressões, a fim de investigar a construção de um enquadramento patêmico (Amaral, 2013) por parte da mídia.

METODOLOGIA

Olhando para trás, as notícias diretamente relacionadas ao caos no Amazonas se misturam às demais milhares de matérias que tratavam da pandemia de Covid-19 no país e no mundo, dada a urgência do tema na época. A fim de melhor delimitar a análise das coberturas, foram selecionadas publicações que datam de 14 a 31 de janeiro de 2021, período em que a crise do oxigênio no Amazonas esteve em destaque na mídia.

Tendo essa retrospectiva em mente e com o intuito de compreender como as notícias foram transmitidas à população nesse momento, essa pesquisa optou por selecionar três veículos de comunicação. Para este trabalho, utilizou-se a ferramenta de busca das plataformas de cada veículo, que possibilitaram delimitar o período temporal

de interesse, bem como palavras, expressões, e até frases exatas. Foram pesquisados os termos “oxigênio” e “Amazonas”, no intervalo temporal explicitado anteriormente.

No acervo d’O Globo, que foi possível acessar por meio de assinatura da edição digitalizada, o resultado total foi de 14 matérias em sua versão impressa, publicadas entre os dias 15 e 28 daquele mês, porém apenas 7 foram analisadas. Já a Folha.com teve um total de 149 resultados, mas foram escolhidas 4 matérias para esta análise. Enquanto isso, o jornal digital e local, A Crítica, obteve um montante de 329 matérias apenas na editoria “Saúde”, para esta pesquisa 7 delas foram examinadas.

A seleção dessas 19 matérias foi necessária para que se obtivesse um quantitativo menor e que permitisse maior qualidade na análise, além disso foram desconsideradas as notícias que tratavam das temáticas vacina e vacinação, bem como as que se referiam a doação empreendida por personalidades públicas e entidades privadas.

Dentre os textos encontrados no jornal O Globo foram escolhidas sete produções textuais de autoria de Leandro Prazeres, repórter enviado para Manaus nesse período. Já na Folha.com utilizou-se também como critério a assinatura do repórter Dhiego Maia, que foi enviado pelo veículo de comunicação para a capital amazonense no dia 15 de janeiro de 2021, com o objetivo de fazer a cobertura.

Em razão do amplo universo de matérias localizadas na editoria “Saúde” do jornal A Crítica, os critérios adotados partiram de premissas distintas. Nesse caso, levou-se em consideração observar as matérias que evitavam os desvios da informação propostos por Wolton: questões como a uniformização do discurso, a velocidade de produção gerando conteúdo raso, o exagero da simplificação e os frutos da lógica econômica do mercado (Wolton, 2010, p. 50-51).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como explicitado anteriormente, para este relatório, tomou-se como conceitos norteadores as classificações de Amaral, quanto aos tipos de fonte: fontes especialista, fontes autoridades e fontes testemunhais.

Às **fontes especialistas**, é atribuído um saber de conhecimento, uma representação racionalizada que busca tornar o acontecimento inteligível. Elas têm papel destacado na cobertura das catástrofes, pois transcendem a experiência traumática propondo explicações para ela. As **fontes autoridades**

têm sido insistentemente tensionadas tanto pelos jornalistas quanto pelos especialistas como responsáveis pelos acontecimentos catastróficos. Enquanto isso, as **fontes testemunhais** descrevem os fatos e trazem a marca do sensível, da experiência, do vivido (Amaral, 2013, p.73).

A autora ressalta ainda que “cabe às fontes testemunhais relatar o ocorrido e ilustrar as matérias com suas histórias de vida” (Amaral, 2013, p.73), pode-se entender que são os relatos delas que dão o tom da matéria. Logo, para este trabalho, deu-se uma atenção aos depoimentos proferidos por essas fontes, visto que “é no relato dos testemunhos que a catástrofe midiaticizada se realiza” (Amaral, 2013, p.75).

Para Gomes (2004 *apud* Amaral, 2013, p.76), o jornalismo é capaz de apresentar o mundo como ele deve ser visto, o que implica Amaral (2013, p.76) a compreender que a “cobertura das catástrofes auxilia na interpretação do ocorrido e na produção de novos fatos relacionados”. Assim, “o discurso midiático busca boas vítimas que possam fazer o seu leitor, do conforto de sua leitura, compadecer-se com o que aconteceu (vítimas virtuais)”, isso é chamado de personalização pela autora (Amaral, 2013, p.76).

O discurso jornalístico privilegia, na fala das fontes testemunhais, trechos em que aparecem verbos como sentir, desistir, sumir, chorar ou sobreviver. Ou então, estados emocionais como “aos prantos”, “em desespero” ou “triste”. Percebe-se que os testemunhos baseiam-se sobretudo na representação da sensação bruta, do concreto, do imediato, do instrumental, e não operam com a explicação e o distanciamento dos fatos. A experiência é imputada sempre ao indivíduo e não a uma coletividade. (Amaral, 2013, p.73).

Tendo isso em vista, buscou-se analisar trechos dos três veículos de comunicação aqui citados, com o intuito de comprovar, com as falas das fontes testemunhais e os destaques dados pelas matérias as sensações e sentimentos, o enquadramento patêmico construído pela mídia.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Nos títulos das matérias é recorrente o uso de palavras e expressões que remetem a estados emocionais, como medo, choque, agonia, além dos adjetivos “dura”, para caracterizar a rotina dos profissionais, e “sufocada” para se referir à capital do Amazonas.

Esse mecanismo demonstra a presença, nas matérias, da patemização, estratégia midiática que busca desencadear emoções no interlocutor (Amaral, 2013).

Outros exemplos de termos que despertam o efeito patêmico são palavras como “crise”, “caos” e “colapso” para caracterizar os acontecimentos noticiados, bem como a comparação da catástrofe com uma situação de guerra. No mesmo sentido, a presença do verbo “lutar” e suas derivações também remete à construção de uma narrativa que busca despertar a empatia do leitor.

Na cobertura do jornal O Globo, sobre o esgotamento do oxigênio no Amazonas, caminha no sentido de romper com a ideia de que o valor da catástrofe é dado por aquilo que ela destrói e não pelo que causa a destruição (Amaral, 2013, p. 75). Embora haja nas reportagens uma construção narrativa na qual a patemização se faz presente, a partir de falas carregadas de emoção, o noticiamento não se resume ao lamento das vítimas e seus familiares, mas também tensiona responsabilidades e medidas futuras.

Já na cobertura da Folha.com realizada pelo repórter Diego Maia, que foi enviado especialmente para Manaus, percebe-se um tom pessoal em todas as matérias e a sensação de que a situação era tão caótica que não se teve preparo para absorver todas as informações e emoções. Na quarta matéria, que não é uma coluna ou um blog de opinião, ele já começa o título na 1ª pessoa do singular: “[EU] Vi inferno em hospital e solidariedade em caça alucinante por oxigênio em Manaus”. Além disso, o fato de haver apenas fontes testemunhais e um apelo para a patemização da catástrofe, permite concluir-se que a Folha teve também um apelo para a espetacularização do fato.

A percepção obtida do jornal A Crítica demonstrou que embora as formas de narrar e abordar a morte, temática central adotada nessa cobertura jornalística, sejam apresentadas de formas diferentes de acordo com a autoria do conteúdo, de forma geral trata-se de uma enunciação superficial. Assim, estando reduzidas à personalização da catástrofe vista no testemunho de vítimas da crise, de familiares destas e profissionais que atuaram na linha de frente, e a uma contextualização limitada ou até mesmo inexistente.

CONCLUSÕES

Dessa forma, é possível concluir que se por um lado a problemática da crise do oxigênio é de ordem política e social, por outro, a tendência observada nesses veículos é de espetacularizar e reforçar tipos, estereótipos e clichês. Essa figura estereotipada é vista

especialmente na figura da testemunha que perdeu um ente querido, que é espetacularizada de forma brutal, reduzindo-a ao relato do lamento.

Além disso, a prevalência dessa natureza de personagens confere a ausência de pluralidade de perspectivas e a carência de fontes que façam frente às responsabilidades do poder público no combate à pandemia. Nessa instância, os veículos selecionados convergem ao conferir uma posição destacada às fontes testemunhais, utilizando como estratégia a personalização e individualização por meio de depoimentos que acionam a identificação do público e os transportam para a realidade narrada.

A atmosfera de palavras circulantes nas matérias é permeada por vocábulos reincidentes: crise, caos, explosão, situação dramática, mortes, inferno, colapso, calamidade, agonizando, sufocada, os quais constituem um enunciado comunitário que mobiliza as sensações de quem consome essa cobertura noticiosa. Por fim, observa-se a quantidade excessiva de matérias e conteúdos noticiosos que apesar do volume, não implicam em qualidade, resultando em uma narrativa que, embora noticie com rapidez, faz uso de uma linguagem homogênea.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. *Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática*. In: **Revista Contracampo**, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 71-86

WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2010.